


## Rotas de Fuga: literatura e viagem

Escape Routes: travel and literature

Fabiana Andrade Bernardes Almeida<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-2663-7096>

Cássio Eduardo Viana Hissa<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-8067-4694>

### Resumo

O presente texto é um convite à viagem na literatura como possibilidade [de amplo acesso social] de *criação de mundos*, reescrita. Parte-se do questionamento acerca dos dilemas da vida para refletir os papéis das *rotas de fuga* na contemporaneidade. Diante de grandes e de complexas questões da vida — que, em muitas circunstâncias, são mesmo criadas e/ou superdimensionadas por nós mesmos —, o que fazer? Enfrentá-las, quando e como se pode [independentemente das forças que se têm e com o propósito de submetê-las aos nossos sonhos e desejos]; ou construir válvulas de escape [viagens, rotas de fuga] que, pelo menos aparentemente, pouco ou nada estejam relacionadas ao enfrentamento [tão necessário à vida] de questões difíceis? A última alternativa significa o desvencilhamento medroso dos grandes problemas da vida [uma fuga de si]? Qual o significado a ser encaminhado, na presente reflexão, a tais escapes? Quais seriam os seus papéis? Qual o papel da literatura diante dos dilemas da vida contemporânea? Às questões supracitadas são encaminhadas notas para a leitura e reflexão. Um texto ensaístico que nasce de nossas inquietações acerca dos aprisionamentos instituídos pelo *modo de vida ocidental* e de suas consequências [para além das injustiças socioambientais, das violências de todos os tipos e desigualdades]: solidão e perda de sentido da vida.

**Palavras-Chave:** Modo de vida ocidental; Viagem; Literatura; Reescrita.

### Abstract

This text is an invitation to travel through literature as a possibility for creating worlds, rewriting. It starts with the questioning of life's dilemmas to reflect on the role of escape routes in contemporary times. Faced with the great and complex issues of life — which, in many circumstances, are created and/or exaggerated by ourselves —, what should we do? Confront them, when and how we can [regardless of the strength we have and with the

<sup>1</sup> Doutora em Geografia, Professora do Curso de Turismo/Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, [fabiana.a.b.almeida@gmail.com](mailto:fabiana.a.b.almeida@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Geografia, com pós-doutorado em Sociologia e em Epistemologia, Professor do Curso de Geografia e Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais, [cassioevhissa@gmail.com](mailto:cassioevhissa@gmail.com).

purpose of submitting them to our dreams and desires]; or build escape valves [journeys, escape routes] that, at least apparently, have little or no relation to confronting [so necessary to life] difficult issues? Does the latter alternative mean the fearful disengagement from life's great problems [an escape from oneself]? What is the meaning to be given, in this reflection, to such escapes? What would be their roles? What is the role of literature in the face of life's dilemmas in contemporary times? The above-mentioned questions are addressed with notes for reading and reflection. A text that arises from our concerns about the imprisonments instituted by the Western way of life, as well as its consequences [in addition to socio-environmental injustices, violence of all kinds and inequalities]: loneliness and loss of meaning in life.

**Keywords:** Western way of life; Travel; Literature; Rewrite.

---

## Introdução

O presente texto tem alguns propósitos. Cada um deles, posto que articulados entre si, em diferentes passagens, retira a condição de *primeiro plano* dos demais. Portanto, não há um objetivo central e, conseqüentemente, do mesmo modo, não há objetivos secundários e específicos. Todos eles fazem um só conjunto de propósitos. No entanto, caso assim possamos considerar, o papel de destaque comum é o de refletir para gerar pensamentos acerca de: (a) a literatura entendida como possibilidade de viagem, geradora de deslocamentos interiores e base para a formação de leitores do mundo; (b) o entendimento da escrita como viagem; (c) a viagem entendida também como *escrita de nós*, e a escrita entendida sempre como reescrita.

Os caminhos percorridos por nós — até que pudéssemos chegar ao processo de escrita do presente texto — são sinuosos e complexos. Eles fazem parte dos nossos processos formativos em permanente reconstrução. Antes de tudo, é de nosso interesse enfatizar que a escrita de um texto — como o que aqui encaminhamos — se faz através de variados processos e, certamente, não apenas de um: o que dá origem ao texto [pensar nesses termos seria reduzir ou minimizar o que é muito difícil e complexo]. O nosso primeiro exercício de escrita conjunta teve início em março de 2009, quando iniciamos a primeira versão do texto de diálogos intitulado “Lugar de diálogos possíveis”, publicado em 2011 no livro *Conversações: de artes e de ciências* (Hissa, 2011). Em 2010, institucionalizamos a nossa parceria acadêmica intelectual e, sobretudo, em 2011, a partir do processo de construção da tese de doutorado de Fabiana Almeida (2017), *Viagens*, levamos adiante projetos de escrita mais bem estruturados. Alguns desses projetos se encontram em desenvolvimento e, até então, serviram para uma compreensão progressivamente mais clara [e mais precisa] da convergência dos nossos modos de pensar e de ler o mundo. No entanto, até então, ao considerarmos tantas reuniões, tantos projetos desenhados e em processo de alargamento, assim como elaboração de versões de textos [artigos e livros], escrevemos e debatemos mais do que publicamos, certamente. O que nos importa, no

momento, é que toda essa trajetória nos fez pensar, também, entre diversas temáticas, a viagem e a literatura entrelaçadas.

Contudo, há um marco específico que concede origem ao presente texto. Em julho de 2024, participamos de uma mesa de trabalhos no *I Seminário luso-brasileiro de literatura e viagem*, em Cordisburgo-MG. Escrevemos uma primeira versão do texto que aqui apresentamos. A referida versão é intitulada “Viagem na literatura: apontamentos para reflexão” (Hissa; Andrade, 2024) e seria publicada nos Anais do mencionado Seminário. Mas é neste espaço que tal versão encontra a sua escrita mais aproximada do definitivo [sempre inalcançável], mais acertada [talvez] e, seguramente, mais discutida e aprofundada.

Consideramos desnecessária a divisão do texto em partes, já que as notas numeradas já cumprem o papel de construir intervalos para a boa leitura. A opção por notas é originária de trabalhos anteriores e atuais de Cássio Hissa (2013, 2022, 2024a, 2024b) e nossos (Hissa; Andrade, 2024). Sabemos, entretanto, que o texto corrido e dividido em seções [poderíamos até dizer, tradicional] também cumpriria o papel de representar o nosso pensamento acerca da temática. Mas, para esse momento, optamos por enfatizar [considerando que as notas cumprem bem tal papel] ou destacar certos pensamentos e, além disso [como já dissemos], conceder ao leitor intervalos para reflexões e, até mesmo, para anotações — e com maior controle das mesmas em processos de estudo. Trata-se, para nós, de um formato experimental que gostaríamos de encaminhar para a leitura e, preferencialmente, para a crítica [reescrita].

Para o presente texto, tomamos como referência alguns de nossos trabalhos [publicados e ainda não publicados], assim como, também, algumas de nossas experiências [com anotações soltas e ainda por organizar] resultantes de nossas muitas reuniões criativas, participações em bancas acadêmicas, além de curso que ministramos juntos no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG (Hissa; Almeida, 2022/1). Assim, para nos referirmos aos nossos trabalhos, nos servimos, preferencialmente, de Almeida (2017, 2024), Hissa (2002, 2008, 2011, 2022), Hissa; Almeida (2024b), Hissa; Andrade (2024a). Para a escrita do texto, refletimos sobre ideias de pensadores e de autores, articulações possíveis, pensamentos diversos, coerência e coesão textual, inserções e supressões de passagens, palavras e expressões. Não é simples a representação de pensamentos através da escrita em parceria, mas aprendemos sempre mais, ao final, prazerosa e dolorosamente, que escrever é cortar palavras (Tavares; Hissa, 2011). É o que procuramos enfrentar ao longo do presente processo e, talvez, com algum êxito.

1. Rotas de fuga [como se servem da mencionada expressão para nada dizer!] carregam a ideia de uma direção — que não é cartográfica e, portanto, não é norte ou sul, leste ou oeste; que é mais a incerteza de caminhos, distintos daqueles que nos fizeram encontrar o que não somos ou o que não gostamos de

ser ou de estar, e que nos incomodam, perturbam e nos retiram os nossos sonhos de vida. Rotas de fuga enfatizam a direção a tomar que, por sua vez, implica movimento, deslocamento.

Rotas de fuga não significam propriamente a fuga de nós mesmos, da vida ou do mundo, mas o movimento na direção/rumo — simultaneamente e no mesmo espaço-tempo — em que há interrupção [pausa ou ruptura] de movimento [ponto originário] e deslocamento transformador, redirecionamento. Portanto, vê-se, assim, o paradoxo. No entanto, na nota que projetamos para ser brevíssima, ainda há o que dizer.

O referido movimento, antes mesmo de se realizar, já é movimento. Diante de certa situação que nos ameaça [incomoda, pressiona, constrange, limita], imaginamos uma direção a tomar, um caminho para a interrupção [pausa ou ruptura definitiva] da situação de adversidade. A partir do instante que se imagina, já se interrompeu o estado anterior; ou seja, fez-se, já, o intervalo ou já se constituiu a ruptura. Portanto, ao se imaginar [a imaginação, aqui, já é constitutiva do desejo de transformação], já se fez a pausa, o intervalo, a ruptura. A rota de fuga — o escape — é [apenas] uma continuidade da imaginação. Com isso, já nos abrimos para uma transformação que poderá se realizar em nosso mundo interior [o suficiente para o movimento].

2. “Fugir é estar em constante movimento, é buscar afastar-se das coisas que nos fazem mal e ir incansavelmente ao encontro [de um lugar melhor]” (Rohen, 2023, p.213). Mas que seja, ainda, sobretudo, o lugar dos nossos melhores sonhos — que pretendemos alcançar —, de modo a sermos coerentes com nós mesmos, com o que pensamos para nós e de nós e, certamente, para nós no mundo. “A fuga é o caminho da utopia de Galeano; fugir é sair do lugar estabelecido por outros para si (e por vezes tomados por nós mesmos como uma verdade absoluta e intransponível)” (Rohem, 2023, p.213).

3. Não há problema tão complexo que dele não se possa escapar. O referido pensamento é originário de Charlie Brown — um personagem autobiográfico presente em tirinhas (Schulz, 2011); essa figura criada pelo cartunista estadunidense Charles Schulz (1922-2000) para expressar ideias e expor comportamentos típicos da sociedade estadunidense. Mas serviu para o mundo como uma referência crítica [ou autocrítica] e, especialmente, para o *modo de vida ocidental* que, por sua vez, a despeito de variações importantes, foi progressivamente propagado para além dos seus limites [deste *corpo de mundo* (Hissa, 2024b) — o Ocidente e seus valores]. O referido pensamento [referente aos dilemas da vida] é trabalhado por práticas filosóficas, para além do lugar comum, das sabedorias populares e dos conhecimentos originários do senso comum.

Frente às grandes e de complexas questões da vida — que, em muitas circunstâncias, são mesmo criadas e/ou superdimensionadas por nós mesmos —, o que fazer? Enfrentá-las, quando e como se pode [independentemente das forças que se têm e com o propósito de submetê-las aos nossos sonhos e desejos]; ou construir válvulas de escape [viagens, rotas de fuga] que, pelo menos

aparentemente, pouco ou nada estejam relacionadas ao enfrentamento [tão necessário à vida] de questões difíceis? A última alternativa significa o desvencilhamento medroso dos grandes problemas da vida [uma fuga de si]? Qual o significado a ser encaminhado, na presente reflexão, a tais escapes? Quais seriam os seus papéis? Qual o papel da literatura diante dos dilemas da vida contemporânea? Consideração: o nível das dificuldades e complexidade de cada problema, em razão de subjetividades e de contextos sociais distintos, parece recusar classificações e hierarquias.

4. Nem sempre, ou quase nunca, a vida [que quase todos gostariam que se estendesse sempre mais] é feita de pequenos maiores problemas que precisamos enfrentar ao longo do tempo. O cotidiano poderá ser sempre duro: um dia após outro pleno de tensões, cansaços, desgastes, decepções. Ainda assim, as expectativas cotidianas se refazem e pequenos problemas solucionados passam a imagem de que é possível estender os sonhos, enquanto a vida poderá se espriar em direção a diversos caminhos, demandando escolhas e decisões difíceis.

Poderíamos aqui pensar sobre o que é e o que não é vida digna, o que poderia ser e o que jamais será, a depender de tantos contextos culturais, das histórias que se cruzam, assim como das infinitas e das mais diversas passagens de histórias de vida, das sujeições a que são submetidos povos inteiros, as misérias que se espalham, as vultosas riquezas construídas sobre o sofrimento de tantos! Não é também assim que os *modos ocidentais de vida* nos encaminham problemas que, no primeiro contato, já não se mostram áduos e obscuros?

Questões complexas poderão surgir e demandar abordagens sofisticadas e difíceis. Como poderá ser complexa a produção de históricas imagens [modernas e contemporâneas] culturais e, certamente, coletivas nas quais estão mergulhados os problemas particularizados, referentes aos diversos sujeitos? Quais poderão ser os modos de enfrentamento dos mais diversos problemas? Quais poderiam ser as rotas de fuga preferenciais dos sujeitos ao longo dos tempos e das histórias, tão indispensáveis à manutenção da sobrevivência dos *sonhos de vida*? Há vida sem *sonhos de vida*?

5. Uma brevíssima anotação: não se deseja dizer [será necessário dizer o que não será dito? É uma regra, este não dizer?] o que é vida e, tampouco, refletir sobre o que, certamente, muitos pensam [o *senso comum do pensamento*]: *a vida se resume a problemas que deveremos enfrentar ao longo do tempo de vida*. Talvez, seja correto pensar que viver é também se deparar com questões que, muitas vezes, adquirem [pelo menos aparentemente] a magnitude de insolúveis, demasiado complexas para momentos específicos [isso não é uma hipótese a ser testada]. Haverá mesmo a urgência, posta para os sujeitos, de enfrentamento de todos os problemas com os quais eles se deparam? Um problema poderá ser complexo e difícil para nós e insignificante para outros — a depender [certamente] de perspectivas, de contextos e do modo como lidamos com dificuldades.

6. Uma questão possível: as denominadas rotas de escape não seriam, também, uma espécie de confrontação estratégica de problemas que, em determinados momentos da vida, não podem ser solucionados? Por que não entender também assim [a não ser que o propósito do desvio seja o de transformar os propósitos da vida, de modo a suprimir os obstáculos que se puseram à frente]? Seja como for, o importante não seria sempre buscar felicidades [por mais que, em sua duração temporal, possam ser insignificantes (Hissa, 2022)] e ampliar esperanças? Este não será o sentido maior da existência?

7. A viagem na literatura: a leitura, entendida como reescrita, é ainda a possibilidade de *reescrita do mundo* e, na viagem que a literatura nos proporciona, é alternativa de *reescrita de nós mesmos no mundo* [além de se constituir como uma rota de escape que permite a construção de vários mundos em nós] (Hissa; Almeida, 2024b). Abre-se um brevíssimo parêntese: do mesmo modo, a pesquisa [entendida como leitura, escrita e transformação] se faz como viagem e, honesta, é sempre aventura na direção do desconhecido (Hissa, 2013; Almeida; Hissa, 2024c). É a tais viagens que nos referimos. Elas são indispensáveis às nossas formações como *viajantes no interior de nossas próprias vivências*. Como resposta aos percursos formativos, fundamentados na leitura e na escrita, a contínua transformação [tão necessária à criatividade e à reconstrução crítica de nossas concepções de mundo] se explicita através de nossos progressivos amadurecimentos como sujeitos do mundo, dos nossos posicionamentos éticos e políticos, assim como nas decisões cidadãs que devemos tomar.

8. Viver é, ainda, estar frente à nossa frágil capacidade de elaborar escolhas racionais, ainda que seja sedutor o discurso elogioso à presença da racionalidade em nós. Sem que se perceba, em nossas sociedades, vive-se sob a ameaça de *certa razão* [a que se faz excludente e que se percebe superior], a que faz ignorar a sua existência simultânea às presenças [insidiosas ou não] do acaso, das oportunidades [desperdiçadas ou não], das sortes e dos azares [tão comuns na definição de caminhos], dos sonhos [e até mesmo das fantasias] e dos desejos, das emoções variadas, dos sentimentos complexos, dos auto-enganos, dos contextos culturais permanentemente em movimento, da política, assim como da presença das [contadas e não contadas] histórias [e da nossa própria história de vida, tão ampla e complexa]. A razão se mistura ao que listamos [e a muito mais, também no nível de detalhamentos particularizados], sendo, portanto, imperfeita [condescendência nossa?] ou, simplesmente, inexistente nos termos em que se expõe: muitas vezes em narrativas acadêmicas, como também nos discursos que circulam nas sociedades de mercado. Diante disso, então, o que diríamos sobre os nossos pretensiosos e empertigados discursos em prol das denominadas *escolhas racionais* a povoar o imaginário das sociedades modernas e a conduzir muitas das decisões individuais e coletivas?

Reflexões rascunhadas sobre o *significado de viver* em nossas sociedades de mercado nos permitiriam o encaminhamento de decisões éticas e políticas em prol da construção de sentidos da vida, na dimensão dos sujeitos [particularizados], mas, sobretudo, na dimensão das coletividades: isso não é uma hipótese a ser testada [necessário dizer que se trata de uma ironia?], mas apenas um pensamento. De forma assertiva, nestas passagens subsequentes, ainda encaminhamos reflexões para se pensar: vivemos por amor, senão deveríamos; e viver é *sonhar por amores* [além de buscá-los e cultivá-los] de toda sorte. Como não deveria ser e, de outra parte, como admitir que não o seja para muitos? Não nos parecerá sempre estranho e sem sentido?]; ainda: viver é nos transformarmos a partir dos nossos sonhos [que poderão ser sonhos em comum] e, com isso, povoarmos a nossa história de vida com realizações amorosas. De tantas destas, uma diz respeito às nossas conquistas ricas [que nos fortalecem e nos amadurecem] em nossas viagens que se fazem no âmbito da literatura. Somos os sonhos nossos e sonhar é uma conquista, pois é o que encaminha sentido à existência, esta viagem [esta aventura] que também somos.

Existir e viajar se confundem (...). Vivendo de momento a momento, de lugar para lugar, sem a compreensão da linha temporal e sinuosa que liga todos os momentos e todos os lugares da existência, só percebemos saídas e entradas, idas e vindas. Mas a viagem redonda, a travessia das coisas – que é vivência e descoberta do mundo e de nós mesmos, nessa aprendizagem da vida, em que o próprio viver consiste –, a viagem-travessia que se transvive na lembrança, constitui o saldo imponderável das ações, que a memória e a imaginação juntas recriam. “Viver – não é? – é muito perigoso. Porque não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo” (Nunes, 2013, p.80).

Benedito Nunes (2013, p.80) ainda busca em Rosa [o sentido da sua própria obra póstuma] mais uma palavra de filosofia para se aprender: “Viver — não é? — é muito perigoso. Porque não se sabe. Porque aprender-a-viver é o que é o viver, mesmo.”

9. A brevíssima reflexão acerca do *significado de viver* [tal como o apresentamos sob a forma de rascunho de verbete que jamais poderá se render a tal condição] se desenvolve em contrapartida [mas não exatamente em oposição] à ideia de viver que decorre das práticas que fazem essa *estranha e desafortunada cultura de vida* que, hegemonicamente, se leva adiante sem que se saiba para onde é que se leva. O que se sabe é que, no *mundo do capital*, se dá a valorização da matéria mercantil em detrimento da valorização dos sujeitos. Nas palavras de Marx, “O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral” (Marx, 2012 [1844/1932], p.80).

Portanto, viver não poderia ser a busca do descanso e do alimento para trabalhar, o que resta à grande maioria da classe trabalhadora em busca de sobrevivência [E será bom que o trabalho se reduza à expectativa de renda?]. E, tampouco, trabalhar para consumir, ou viajar como consumista e construir uma família de consumistas, o *sonho* da família burguesa. Ainda: educar os filhos como consumistas



[em consonância com o individualismo e a competitividade: conceitos originários do próprio mercado] preparados apenas para conquistar um posto sempre mais alto no mercado de trabalho, sendo apenas este o sentido da vida; infelizes, deprimidos, desconhecedores dos amores de todas as espécies, exibicionistas e ordinários amantes de papéis e dinheiros. Será importante questionar as suas convivências? De que convivência sem sentido, talvez, se trata essa *sem-vivência*? Parafraseando Pessoa (1946 [1921]), numa possível analogia, quando se poderia dizer, talvez, que o único sentido da vida é ela não ter sentido íntimo nenhum [certamente, não em si mesmo, ainda que sempre o busquem — como se existisse fora de nós; e existirá algo ensimesmado?]. Conviver: com pessoas *quase-iguais*, com quase a mesma concepção de mundo, o mesmo *modo de vida* e — que se acrescente — de preferência freqüentando os mesmos lugares da cidade: esta *cidade luminosa*, como a ela se refere Milton Santos (1996), uma contraparte à *cidade opaca* [supostamente mais rica em sobreviventes das barbaridades (Andrade, 2021) do mundo], levantando os assuntos de sempre, encaminhando as mesmas perguntas e obtendo respostas idênticas.

Quanta ansiedade e quantas prisões de nós mesmos no mundo; como emerge a solidão em meio a tantas perspectivas de comunicação! Quantas *insolvências éticas*! São fartos os estados de depressão e precárias são as conexões amorosas entre as pessoas. Há ausência de viagens em meio a tanta mobilidade e circulação de pessoas. Quanto mundo a ser lido e quanta ausência de leitura! Quanto afastamento da literatura [e da diversidade do mundo], que permitiria o aprendizado da viagem [não apenas a literatura — como sabemos —, mas as experiências que estimulam a capacidade imaginativa dos sujeitos], certamente, o aprendizado de certa vida que se faz por caminhos elevados [de onde se pode ver o mundo — em diversas escalas — para fazer escolhas mais felizes]! Quantas emoções desperdiçadas, sem que se dê conta exatamente do que se deixou pelo caminho da viagem [ou pelo caminho de nós mesmos]! É comum se dar conta do referido desperdício, mas, quase sempre, ao fim; quando já não há mais sonhos.

**10.** O deslocar-se de grandes e complexos problemas — simultaneamente à vigência dos mesmos — é já na preparação de roteiros de fuga que sejam prazerosos e felizes: roteiros também difíceis, certamente, talvez até mais complexos que os próprios problemas, mas fortalecedores [ou até mesmo criadores] de sentidos à vida. A música, o esporte, a viagem [de todos os tipos], a festa, a dança, o artesanato, a pintura e o desenho, o teatro, o cinema, a escrita, a leitura, a literatura, mas com a inserção de paixão e amor em tudo.

O que ainda se pode pensar sobre o desviar-se de problemas [agudos ou crônicos] graves que ameaçam a vida [vivida ou que se deseja viver] da qual não se deseja renunciar? Em razão das dificuldades ou de impossibilidades [inventadas, superdimensionadas ou não] de seguir adiante, como retroceder ou desistir de avanços? Não será também um problema complexo, uma dificuldade ou impossibilidade?



Questões máximas da presente nota: o que não será viagem (Almeida, 2017) nesta farta lista de possibilidades de construção de roteiros de fuga? Como não pensar que a própria vida seja viagem, tanto mais perigosa quanto mais intensamente se vive e mais se aventura, assim marcada em passagem das mais felizes da literatura (Rosa, 1976)? No entanto, ainda não há tanto espaço para se pensar a viagem nesses mais amplos termos, já que os deslocamentos turísticos convencionais [físicos, preferencialmente], ainda que destituídos da viagem transformadora [por excelência], ocupam quase a totalidade da leitura da referida cena que nos põe em movimento [exterior, interior].

11. Nota-alerta: aos desacostumados com a *vida de alta intensidade* que apenas sonham em tê-la e nada fazem; àqueles cujas mentes estão repletas de problemas inventados ou superdimensionados por *sofrimentos burgueses*; aos que fazem uma *vida de turista* [de consumidor nos moldes convencionais] (Almeida, 2013). Não se trata de uma receita, a recomendação da literatura [escrita, leitura], para se escapar dos pequenos problemas cotidianos ou para se desviar dos grandes dilemas e das questões complexas da vida; ou seja, não se trata de uma leitura cuja intenção esteja voltada para tal propósito. Portanto, não se trata de empilhar leituras para, intencional e [muito] artificialmente, construir viagens [plural de palavra morta, nesses termos] que jamais acontecerão. Há que se ter certo apreço pelo risco, pelo desvio [saída da zona de conforto] e sempre com os olhos abertos ao que está para além do mundo conhecido. Há que se desejar as fronteiras, os mais diversos *entres* (Hissa, 2017) — compatíveis, certamente, com os nossos melhores sonhos —, a abertura, a viagem que se mistura à vida e ao que se faz dela. Portanto, é preciso desejar a aventura [mas apenas desejar?], cuja realização não advém da escolha livre do sujeito [não seria um problema relacionado à falta ou à presença da liberdade]. Talvez, mais: será preciso ser aventura, ser risco, ser aventura, aventurar-se: colocar-se integralmente em jogo na busca pela transformação, senti-la como um evento próprio, de tal modo que nos transformemos nela [na própria aventura] (Agamben, 2018).

12. Algumas perplexidades: lê-se menos, escreve-se em profusão e, quase sempre, sem qualidade [incluindo os textos entendidos como científicos]. Há uma afeição [será preciso anunciar a ironia?] pelas quantidades. Assim como se escreve em abundância e sem qualidade, a leitura, do mesmo modo, é desqualificada. Está correto? Pensa-se menos? [Esta pergunta pode se inserir aqui? Talvez, esta seja a justificativa da referida inserção: quando se escreve sem qualidade, as ideias estão mal organizadas e a pressa é portadora de maior vitalidade do que o pensamento? Pensemos.] Os objetos de leitura se transformaram a ponto de se tornarem irreconhecíveis como literatura? Através das literaturas, se viaja menos [?]: a existência desta questão, por si só, não constitui um engano?

Adendo indispensável para nós: não se viaja apenas enquanto se entrega à vida de leitura e à aventura sugerida por quem escreve. Uma das mais prazerosas viagens é a de quem escreve, pois a escrita não é apenas reescrita, mas, também, a leitura do mundo; e, certamente, há invenções [não se

trata, aqui, de manipulações] de mundo. Portanto, viaja-se enquanto se escreve. Mas há algo que se insere como, talvez, estrangeiro na leitura que se pode fazer da escrita. Trata-se do texto que adquire certa vida própria e que, estranhamente, em sua maturidade [esta das palavras que vão se encaixando sem que se perceba, ou mesmo pedindo para mãos e olhos para se encaixarem no texto, assim como as frases, parágrafos etc.], traz o sujeito da escrita para um mundo desconhecido. Escrita é aventura, por mais que se pretenda dar a ela a retidão do seu suposto destino. Aqui, já se está no mundo do imprevisível, do imprevisto, da aventura ou da viagem. Mas é preciso entrega e tempo [esse tempo necessário — plena e incondicional entrega — à aventura que as palavras proporcionam].

**13.** A cada indivíduo, uma história — e muitas outras em seus interiores — por entre caminhos ramificados que vão se entrecortando, mergulhada em muitos contextos que nela interferem. A cada indivíduo [a dizer, a sua história] correspondem possibilidades de leitor e de leitura. Será difícil afirmar que todos os leitores, desde a infância, farão das suas vidas um mundo de aventuras e de viagens. No entanto, há de se pensar que, desde a infância, os leitores são os que vão se transformando [tal como se transforma o *existente-viajante*] e amadurecendo as suas capacidades de inventar mundos — e de soluções para os problemas que nele se dão. [É assim que se dá a experiência das crianças nas comunidades tradicionais, quando são ouvidas e respeitadas como portadoras de um espírito — entendido como puro — aberto e livre]. Em nossas sociedades modernas [mas, geralmente, em quase todas], pouco crédito se dá às crianças que, pensantes, criativas, precocemente sábias, podem até se fingir de crianças para que escapem de ambientes hostis. É na leitura [ou nos quintais imaginários, tal como pensado por Barros (2015)] que também se desviam de problemas [reescritos, portanto], provisoriamente ou a intervalos *vivendo a vida de outro*, a de um fictício, a de algum personagem escolhido [por identificação com o mesmo e com as suas histórias]; ou até mesmo, a partir das histórias dos personagens, entrelaçadas às suas, imaginam soluções parciais ou completas para as suas questões. A leitura é criativa não apenas por isso. Ela permite a escrita [e, talvez, a permanente reescrita] de nossas existências.

**14.** Em vários momentos de nossas vidas de leitura e de escrita, escolhemos provisoriamente existências de personagens literários com os quais nos identificamos, por determinados motivos. Com eles, experimentamos os nossos próprios problemas ou dilemas de vida, assim como nossas escolhas em certas circunstâncias. Com isso, aprendemos a pensar problemas complexos, assim como soluções imaginárias — menos complexas, talvez, porque transformamos os problemas; mais complexas porque, muitas vezes, são compatíveis com os referidos problemas, pois ainda estamos a amadurecer soluções ou, ainda, porque são problemas momentaneamente [ou aparentemente] insolúveis de forma definitiva. Com isso, ao negociar as nossas vivências com as dos personagens [ou, com eles, trocando informações enquanto se lê e se pensa sobre o que se lê], em seus mais variados contextos, também

aprendemos a construir escapes criativos. Escapes que, por princípio, talvez, dispensariam deslocamentos e práticas elitistas, além de consumistas.

15. Por uma questão de estilo [?] de vida [?], também escolhemos estilos de escrita e, portanto, escolhemos escritores com os quais nos identificamos. Mais adiante, talvez, possamos pensar que estilos de escrita [reescritas] também nos conduziram a certos modos de pensar, de organizar ideias e de construir os nossos próprios estilos. Isso se transforma com o tempo e com o amadurecimento: a cada passo de leitura aprendemos a viajar e a nos entregar à vida e ao mundo que, em nós, vamos construindo. Há de se supor, portanto, que, a cada viagem, poderemos aprender a reescrever o mundo em nós, com narrativas [talvez] próprias, escritas, ditas ou apenas [apenas?] pensadas [para ainda reescrevê-las]. É nesse caminhar que construímos *mundos próprios*, individuais ou coletivos, autodeterminados [seja através da viagem na literatura ou nos diversos quintais imaginários: rotas de fuga].

16. Palavras-chave ou breve roteiro de um texto que, aqui, não será escrito: a loucura; a paixão pela leitura criativa [qual não seria?], a escrita criativa [qual boa escrita não seria?]; a escrita autoral [sabemos do que se trata o referido adjetivo, já que somos autores e sempre co-autores do que escrevemos? Não serão também — menos ou mais — autobiográficas, as nossas escritas?]; a existência criativa; leituras repetidas: em cada uma nos surpreendemos com o seu estranho ineditismo [não se trata apenas de desatenção, mas das mais variadas perspectivas e ângulos possíveis de leitura]; a extensão da vida do texto ou, mais precisamente, do texto em nós; o tempo e nossa história da leitura e da escrita; a criatividade na leitura e na escrita como existência amorosa pelo que fazemos.

17. A leitura que constrói lugares para existirmos: a escrita do mundo e dos mundos; tudo é texto: as imagens, as palavras escritas e faladas, o gestual e o movimento de tudo; o silêncio que sempre diz e, se diz, é texto [e, caso tudo compreendamos, não importa como, é porque é mesmo texto que nos fala através do silêncio]; e tudo é mesmo texto: os lugares; as comunidades; a cidade; as paisagens e as topografias; a natureza; os encontros, os desencontros e as esquinas; as passagens ou os portais; as travessias, as viagens [como a vida] e os seus caminhos. Além disso, não há textos que não nos remeta a outro, ou a vários e muitos outros: uma infinidade de textos que dialogam, entre si, com os mundos em suas mais variadas formas de expressão ou de representação e, todos, conosco [a depender, certamente, da nossa capacidade de leitura ou, sobretudo, da nossa capacidade de viajar nas mais diversas espécies de leitura]. Nesses termos, são ampliados os conceitos de intertextualidade e de transtextualidade.

18. Para interromper a escrita nesta última nota, voltemos a refletir sobre ficção e realidade (Saramago, 2001). Real, realidade: encaminhamos alguma restrição à utilização irrefletida destas palavras. O que elas poderiam significar caso pensássemos sobre elas e os seus sentidos nas modernidades mais contemporâneas? A imagem construída coletivamente de realidade é sempre confundida com o que nos complica a vida. Por sua vez, a ficção é construída como se fosse uma representação da mentira, do fantasioso, do sonho jamais a ser alcançado, do utópico. Quando acontece algo ótimo, há o costume [por quê?] de se dizer: *parece que estamos a sonhar; parece mentira*. Quando acontece algo péssimo, o que se diz: *está aí a realidade; isso é a vida*.

Imaginemos, com esforço, que esse mundo denominado *realidade* exista objetivamente. Mas interroguemos: como poderá haver tal mundo [chamado *real*], exterior a nós e, portanto, objetivo, supostamente independente de nossa existência e das mais variadas e entrecortadas subjetividades? Não somos nós [e nossas presenças subjetivas] que interpretamos tal mundo e, com isso, concedemos-lhe existência [a propósito, variadas existências — conforme nossas interpretações também variadas — que, além disso, estão plenas de cultura] através da leitura que dele fazemos? Não somos nós [ou é a *realidade*?] que conceituamos [conforme interesses diversos] o que está dentro e o que está fora? Não somos nós que definimos tais limites que separam o dentro e o fora, de acordo com as conveniências históricas? A denominada história [existe história quando há ausência de nós?] anterior à nossa existência existe independentemente da nossa existência? Não fomos nós que, através de viagens e de técnicas, escavamos e nomeamos [e ainda o estamos a fazer] o passado do qual não fizemos parte, mas que, por tal motivo, passamos a estar nele presentes?

Tal como a literatura, o cinema [imagem-texto] sempre foi belíssima representação e crítica [política, social, cultural] do mundo. Extraímos passagem do roteiro de *Memento* (Amnésia), escrito pelos irmãos Nolan que ratifica o que alguns poucos pensam sobre os conceitos de ficção e de realidade: “Preciso acreditar num mundo fora da minha mente” (Nolan, 2000). Acreditar. Entender ou assumir [aceitar, acatar] como verdade [como é difícil o conceito!] ou, ainda, como se fosse o que [nos] acontece? Ou mesmo crer [crença; *credere*; certamente, a inserção do *coração* em determinadas *práticas do pensamento*]? Estaríamos no campo da fé para fazer com que a razão nos livre da mente [suposto lugar do mundo ou da realidade em nós]?

No entanto, ainda será importante considerar que, ao darmos nome às coisas, elas passam a existir e, entretanto, a despeito das observações contrárias, podemos também admitir a existência da realidade como criação. Diante disso, portanto, consideremos a inevitabilidade de entrelaçamentos entre tais mundos criados: o que se denomina ficção e o que se denomina realidade. O atravessamento entre ambos é passível de negociação em nós. Os conceitos de *Entre* e de *Fronteira* (Hissa 2002, 2017) novamente aqui se apresentam como ambientes povoados por hibridismos resultantes dos ditos entrelaçamentos. É também nesses termos que a literatura nos provoca a revisitar conceitos, viajando através de mundos entendidos como ficcionais de tal modo a permitir que nos transformemos a partir

de nossas viagens através de mundos entendidos como reais. Talvez, possamos imaginar que os já bons leitores, tão raros quanto os bons escritores [conforme nos diz Jorge Luis Borges (1989 [1954])], estejam mais preparados a viajar entre mundos [*entremundos*] permanentemente construídos. Bons viajantes que, por tal condição, fazem viajar. Bons e raros viajantes que nos fazem sonhar e, com isso, nos transformarmos plenamente em nossos sonhos enquanto vivemos e viajamos — em muitos sentidos que a imagem de viagem carrega consigo.

### Considerações finais

Houve um dia em que conversamos sobre a [talvez simples] e [aparentemente] pequenina [mas forte] imagem sob a forma de pergunta: “a narrativa da viagem pode ser considerada uma continuidade da viagem?” (Almeida; Hissa, 2021). Imaginamos que possa fazer-se de continuidade, mas a questão nos leva para pontos centrais de um debate necessário ao campo que se envolve com o estudo das viagens, incluindo, certamente, o Turismo e áreas do conhecimento diversas.

Primeiro ponto: a viagem poderá portar descontinuidades [no interior das quais, poderá haver continuidades], rupturas [que decorrem de continuidades e que nos levam para caminhos variados, incluindo, certamente, os imprevisíveis], intervalos [não apenas feitos por rupturas, mas também por pausas representativas de momentos suspensos; pausas], falhas [a narrativa da referida viagem, do mesmo modo, poderá portar descontinuidades, ainda que não sejam as mesmas, nos mesmos momentos e na mesma medida.

Segundo ponto: a própria continuidade [referente às narrativas] pode fazer-se ruptura e, tais situações, dependem da própria narrativa, de quem a realiza, do momento em que ela se realiza e do modo em que ela se faz.

Terceiro ponto: a viagem, ela mesma [e há viagens no interior de várias viagens numa só viagem], poderá ser compreendida como narrativa a ser incorporada pelos corpos: imagens de si [o viajante; ainda que a viagem não seja apenas o viajante; a viagem é viajante] no mundo.

Quarto ponto: a viagem [nota de sentença única: não há viagem em si mesma] já é narrativa de viagem. A viagem é texto [ainda que seja sempre textos sobre textos]. A narrativa de viagem é como a viagem: texto sobre texto [ou textos sobre textos: plurais e transversais].

Quinto ponto: as narrativas de certa viagem são também viagens.

As memórias de viagem são flashes de viagens, tal como as memórias. Dar-lhes coesão e coerência é retirar-lhes a vida incerta.

Há viagens de diversas espécies. Caso tomemos, por exemplo, as viagens que se podem fazer na leitura e na escrita, como seriam as narrativas das referidas viagens e dos deslocamentos interiores que poderiam causar? Embora não sejam tão enfatizadas nos mais diversos campos do conhecimento que se ocupam do processo [viagens como uma manifestação da *dinâmica sócio-territorial* (Hissa, 2024b)], as viagens na [ou através] da literatura [também como um exercício de construção e de

povoamento de rotas de fuga] são ocasionadas por diversos motivos [incluindo os de natureza social, emocional, mental, psíquica] e produtoras de uma grande diversidade de consequências [no corpo, na compreensão de contextos, na produção de várias sensações]. Isso significa que, também como consequência, o próprio corpo poderá incorporar narrativas de viagem — através da fabricação de memórias, por exemplo. Do mesmo modo, uma nova compreensão [de si] nos/dos mais variados contextos [sociais, coletivos, comunitários] poderá ser lida como uma narrativa potencial a ser trabalhada a partir de diversos meios.

Assim como há viagens de tantos tipos, há perspectivas de construção de abordagens [aos diversos mundos que fazem o mundo das viagens], tal como as conduzidas pelas presentes reflexões que aqui apresentamos [notas para pensar]. Portanto, há que se manifestar o desejo de continuidade de pesquisas que considerem não apenas o aprofundamento do que fizemos [literatura e viagem], mas, também, de pesquisas que focalizem outras presenças do vasto universo da cultura que possam ser compreendidas como manifestações de viagens: o mundo visto sob a mobilidade territorial de pessoas; cinema e viagem; a viagem da pintura, da música, do artesanato; a viagem dos sonhos de vida; ciência, o texto de ciência e a viagem; o viajante turista no mundo globalizado.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **A aventura**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. 77f.

ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. **Viagens**. 2017. 203 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências (IGC), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2017.

ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. **Viagens: notas e ensaios**. Belo Horizonte: Departamento de Geografia, Curso de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais, 2024 (em elaboração). 83f.

ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. Viagens turísticas como experiências de fronteiras. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.1, jan./abr. 2013. p.13-28.

ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes; HISSA, Cássio E. Viana. **Pequenos diálogos sobre grandes viagens**. Belo Horizonte: Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, 4jun2021. 8f.

ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes; HISSA, Cássio E. Viana. **Pesquisa e viagem**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024c (em fase de elaboração). 18f.

ANDRADE, Fabiana. “Anjos da História”. In: NOVAES, Tiago (Org.). **Café da manhã no fim dos tempos**. São Paulo: Dedalus, 2021. p. 210-211.

BARROS, Manuel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015. 137f.

BORGES, Jorge Luis. **História universal da infâmia**. São Paulo: Editora Globo, 1989 [1954]. 185p.

CHARLES "Sparky" Schulz Draws Charlie Brown (Official Video).  
<https://www.youtube.com/watch?v=dS0vUbWdNxg>. Acesso em 16 de julho de 2013.

HISSA, Cássio E. Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 316p.

HISSA, Cássio E. Viana (Org.). **Conversações**: de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 315p.

HISSA, Cássio E. Viana. "Entre". In: SILVA, Maria Ivonete Santos; MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues (Org.). **Literatura**: espaço fronteiriço. Colatina / Chicago: Clock-Book, 2017. p.11-27.

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 197p.

HISSA, Cássio E. Viana. "Notas para o amanhã." In: RIBEIRO, Mônica Medeiros; MENCARELLI, Fernando. **Mundos possíveis**: culturas em pensamento. Belo Horizonte: Editora UFMG (Incipit | Humanidades), 2022. p. 223-252.

HISSA, Cássio E. Viana. **O amanhã do mundo**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024a (em elaboração). 97f.

HISSA, Cássio E. Viana. **O corpo do mundo**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024b (em elaboração). 122f.

HISSA, Cássio E. Viana (Org.). **Saberes ambientais**: desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HISSA, Cássio E. Viana; ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. **Certa Geografia**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024b (em elaboração). 67f.

HISSA, Cássio Eduardo Viana; ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. **Metodologia da pesquisa em geografia**. [Programa de Pós-Graduação em Geografia / Mestrado/Doutorado], 2022/1.

HISSA, Cássio; ANDRADE, Fabiana. "Viagem na literatura: apontamentos para reflexão." In: **Anais do I Seminário luso-brasileiro de turismo e literatura** [livro eletrônico] / [coordenação Diomira Maria Cicci Pinto, Sérgio Donizete Faria, Silvia Quinteiro]. Belo Horizonte: Luiza Souza Pereira, 2024. p.88-99.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2012 [1844/1932].

NOLAN, Christopher. **Memento** (Amnésia). 56 minutos. Lançamento: Festival de Veneza, 5 de setembro de 2000; Estados Unidos, 16 de março de 2001; Brasil, 31 de agosto de 2001.

NUNES, Benedito. **A rosa o que é de rosa**. Literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Organização de Vitor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013. 320f

PESSOA, Fernando. "O Guardador de Rebanhos". In: **Poemas de Alberto Caeiro**. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor). Lisboa: Ática, 1946 [1921].

ROHEM, Ana Clara dos Santos. **Rota de fuga**: a literatura como caminho de formação do professor-pesquisador retirante. 2023. 237f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em educação,



contextos contemporâneos e demandas populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, 2023.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 10. ed. São Paulo: José Olympio, 1976. 460p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica, tempo; razão, emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996. 308p.

SARAMAGO, José [depoimento]. In: CARVALHO, Walter; JARDIM, João. **Janela da alma**. 73 minutos, colorido, legendado, 2001.

TAVARES, Gonçalo M.; HISSA, Cássio E. Viana Hissa. “O golpe decisivo com a mão esquerda.” In: HISSA, Cássio E. Viana. **Conversações**: de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 125-150.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.